



A FALTA

QUE VOCÊ FAZ

Antonieta França da Costa, mãe de **Leonardo França da Costa**, que está desaparecido desde 2013.

“MEU FILHO VIAJOU E NÃO APARECEU MAIS. NINGUÉM SABE DELE. EU QUERIA SÓ UMA NOTÍCIA, SÓ UMA COISINHA.”

ACABAR COM O SILÊNCIO

Simone Casabianca-Aeschlimann, chefe da Delegação Regional do Comitê Internacional a Cruz Vermelha (CICV) para Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai

A dor de um familiar sem respostas sobre o paradeiro de um ente querido é um sofrimento genuinamente humano, que desconhece fronteiras ou diferenças culturais. Essa realidade vivenciada por milhares de famílias pelo mundo é consequência de diferentes circunstâncias críticas, como violência armada, catástrofes ambientais, conflitos armados, migrações e outras crises humanitárias.

Seja no Brasil ou em qualquer país do mundo, o desaparecimento significa angústia para as famílias que buscam

e aguardam respostas sobre seus familiares, com frequência por muitos anos, mantendo a esperança de encontrá-los apesar das enormes dificuldades. Não à toa, esta é uma preocupação fundamental reconhecida pelo direito internacional.

Durante nosso trabalho aqui no Brasil, temos mantido contato

com várias famílias. Com cada uma delas, um universo de histórias, buscas, esperanças e frustrações. Em cada casa, uma lembrança, uma cadeira vazia, um quarto à espera da volta daquele familiar de quem não se sabe o paradeiro. Esta mostra imersiva, com as tocantes fotos de Marizilda Cruppe e direção artística de Rogério Costa, traz ao público um pouco da vida dessas pessoas.

É preciso acabar com o silêncio em torno desse problema. No mundo todo, milhares de pessoas desaparecem e, infelizmente, esse número cresce a cada dia. Mas temos de ir além da frieza das estatísticas e lembrar que, por trás de cada número, há histórias como as do José, do João, da Fabiana. Por trás de cada nome, encontramos uma família e amigos que buscam sem cessar por informações e respostas. Saber o que aconteceu com um ente querido, onde e como ele ou ela está, é um direito dos familiares.

OBRIGAÇÃO DOS ESTADOS

Segundo o direito internacional, os Estados têm a obrigação de prevenir que as pessoas desapareçam; devem buscar e localizar as pessoas desaparecidas e adotar medidas completas e integrais em relação às necessidades dos familiares, que são inúmeras: existem necessidades psicológicas e psicossociais, legais, administrativas, econômicas, referentes à saúde física, além das muitas relacionadas ao direito de saber. Não é uma tarefa fácil, mas é um caminho a ser percorrido. É preciso mobilização das autoridades e da sociedade para encontrar essas respostas.

Nós, do Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), também buscamos contribuir para reduzir o sofrimento das famílias. Com base em uma trajetória de mais de 150 anos de ação humanitária, protegendo e assistindo as vítimas de conflitos armados e de outras situações de violência, nos esforçamos para identificar e compreender as necessidades dos familiares de pessoas desaparecidas.

Com isso, podemos apresentar às autoridades recomendações que lhes permitam oferecer respostas mais adaptadas e pertinentes, além de fortalecer a capacidade estatal para esclarecer o paradeiro das pessoas desaparecidas. Fortalecemos os órgãos do setor por meio de assessoria e treinamento e apoiamos os familiares durante o doloroso processo de busca.



É PRECISO MOBILIZAÇÃO DAS AUTORIDADES E DA SOCIEDADE PARA ENCONTRAR ESSAS RESPOSTAS.

The image is a composite of two photographs. The top photograph shows a man with a serious expression, wearing a black beanie and a dark green polo shirt with white stripes on the sleeves. He is looking slightly to the left. The background is dark with a red fabric hanging. The bottom photograph shows an elderly woman with long, wavy white hair, wearing a vibrant, multi-colored patterned shirt. She is looking upwards and to the right with a slight smile. The background is dark and indistinct.

REALIDADE

BRASILEIRA

No Brasil, foi identificada a necessidade de desenvolver um cadastro nacional, que seja capaz de expressar, em números atualizados, a dimensão concreta do problema do desaparecimento no país. É o que estabelece a Lei 13.812/2019 sobre a Política Nacional e o Cadastro Nacional de Pessoas Desaparecidas.

Em paralelo, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) tem publicado levantamentos baseados nos dados das Secretarias de Segurança Pública dos estados brasileiros e do Distrito Federal. Em 2017, 82.684 casos de desaparecimentos foram reportados às polícias civis. Destes, 2.128 foram registrados no Ceará e 25.200 em São Paulo, estados onde o CICV está presente desenvolvendo atividades diversas. Para se ter uma ideia da dimensão do problema, de acordo com o FBSP, entre 2007 e 2017 foram registrados 786.071 casos de desaparecimento no Brasil.

Pessoas desaparecidas estão muito mais próximas do que imaginamos e vão além dos estereótipos. O desaparecimento transcende contextos sociais e econômicos. Uma pesquisa feita pelo FBSP e o DataFolha mostra que, em 2017, 17% dos brasileiros tinham algum amigo, parente ou conhecido desaparecido.

O tema desta exposição é grave, mas absolutamente necessário de ser enfrentado. Acabar com o silêncio em torno do assunto é um primeiro passo para que cada vez menos pessoas tenham de viver com a ausência.

PESSOAS DESAPARECIDAS ESTÃO MUITO MAIS PRÓXIMAS DO QUE IMAGINAMOS E VÃO ALÉM DOS ESTEREÓTIPOS. O DESAPARECIMENTO TRANSCENDE CONTEXTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS.



A PRESENÇA DA AUSÊNCIA

Como traduzir em imagens a dor de famílias arrasadas pela ausência de um ente querido e garantir, ao mesmo tempo, a dignidade das pessoas retratadas? Como fotografar o vazio e a insegurança gerados pelo desaparecimento de um familiar e ainda capturar a força e a resistência dessas pessoas para enfrentar o problema e continuar em sua busca pela verdade?

Foi com o olhar compassivo e afetuoso que a fotojornalista Marizilda Cruppe realizou uma série de retratos de familiares de pessoas desaparecidas no Brasil. Entre agosto de 2016 e maio de 2019, Marizilda e a equipe do CICV visitaram residências em Curitiba, Fortaleza, Maceió, Rio de Janeiro e São Paulo, onde ouviram as histórias de pais, filhos, avós e tios de pessoas que desapareceram, sobre as quais nunca receberam respostas acerca de seu destino e paradeiro. Ao entrar nas casas, Marizilda se aprofundou no tema para se aproximar dessas pessoas e entender em grande medida a extensão e o impacto dos desaparecimentos sobre os que ficam à espera de uma notícia.

Com seus retratos, a fotojornalista lança um olhar humano e sensível sobre a questão do desaparecimento e suas consequências para os que ficam, levando o espectador a uma reflexão a respeito de um problema comum a milhares de pessoas e famílias ao redor do mundo.

As histórias contadas nas imagens se tornam ainda mais expressivas na mostra imersiva "A falta que você faz". O diretor de arte Rogerio Costa cria uma narrativa humana e afetiva para cada uma das famílias, apresentada em uma projeção em *video mapping*, em que o telespectador pode ser absorvido por cada uma das histórias.

FAMÍLIA ALMEIDA

“O QUE ME ALEGRA
E ME CONFORTA
É QUANDO
ALGUÉM ME
DIZ ASSIM: “NÃO
DESISTE, VOCÊ VAI
ENCONTRAR TEU
FILHO, VAI DAR
TUDO CERTO.”

MIRIAN DOS SANTOS
ALMEIDA, MÃE DE
ALISON SANTOS, QUE
ESTÁ DESAPARECIDO.



Desde agosto de 2013, Mirian dos Santos Almeida não encontra seu filho Alison. “Mãe, tenha uma boa noite, um bom descanso. Mãe, eu te amo”. Foi a última conversa que Mirian teve com o seu filho por telefone, em uma noite que parecia comum. Desde então, a família Almeida procura por Alison em toda São Paulo. A família se uniu para insistir na busca, fortalecendo-se com outras famílias do grupo das Mães da Sé.

FAMÍLIA

CAMPIOTO



Dalva e Carlos Campioto procuram desde 2007 por uma resposta sobre o paradeiro de seu filho, Leonardo de Souza Campioto, que desapareceu quando tinha 27 anos. Na última vez que o viram, Leonardo brincava com o filho recém-nascido no sofá de casa. Leonardo estava desempregado e fazia bicos de frete. Uma noite, saiu de casa para fazer uma entrega e não voltou. Desde então, a vida dos pais passou a ser a busca de notícias do filho, uma peregrinação constante entre delegacias, institutos médicos legais e advogados.

“A MINHA VIDA PAROU, EU NÃO FUI MAIS EM MÉDICO, MINHA FAMÍLIA DESABOU. TEM DIA QUE EU LEVANTO QUE A MINHA CARNE TÁ TRÊMULA. AÍ ME DÃO REMÉDIO PARA DORMIR, MAS EU NÃO DURMO, 3 HORAS DA MANHÃ EU TÔ ACORDADA. É UMA EXPERIÊNCIA TERRÍVEL, SÃO 24 HORAS PENSANDO NELE.”

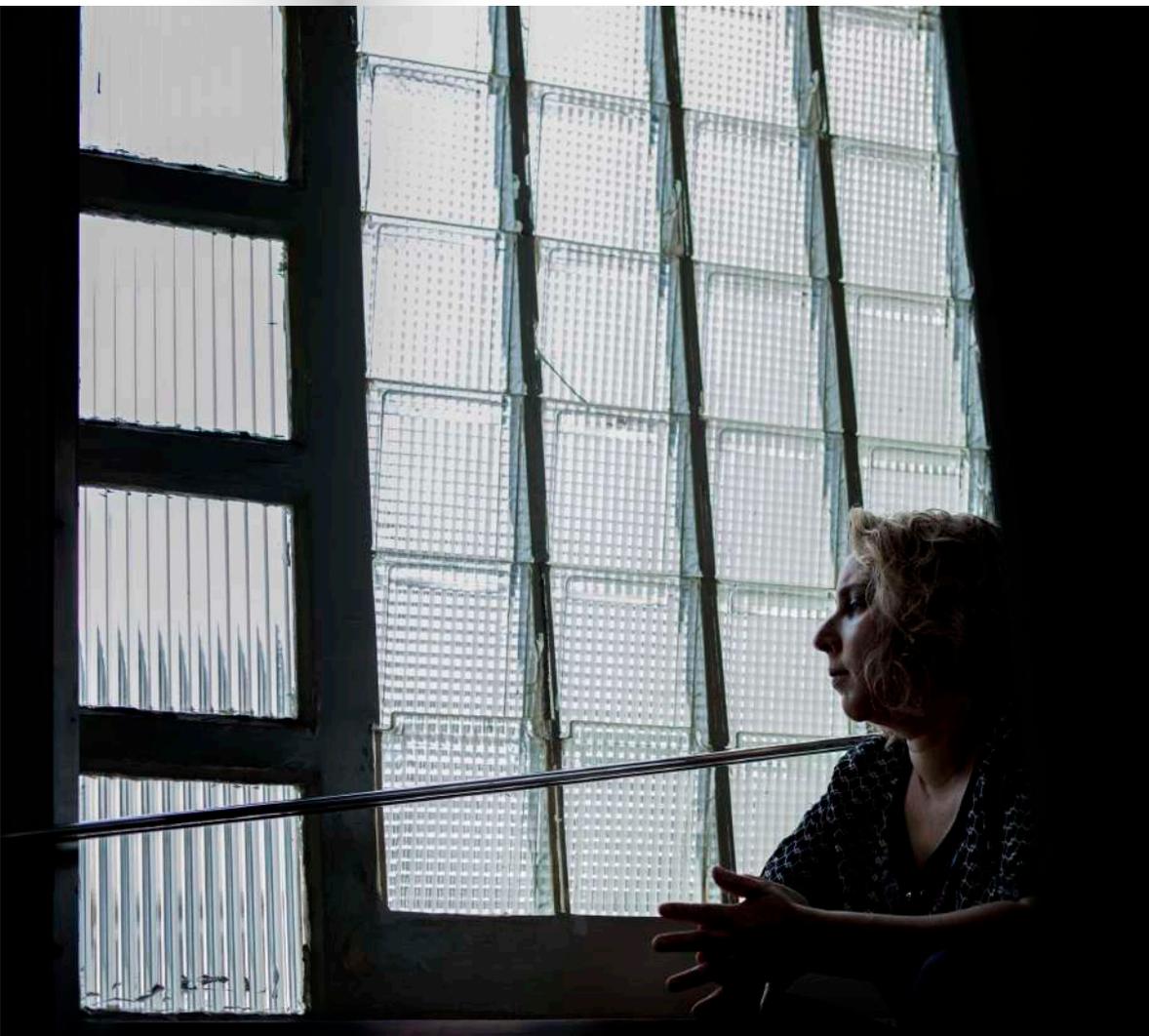
DALVA CAMPIOTO, MÃE DE LEONARDO CAMPIOTO, QUE ESTÁ DESAPARECIDO.



FAMÍLIA CAPISTRANO



Maria Carolina Capistrano espera há mais de quatro décadas alguma informação sobre o destino do marido, David Capistrano da Costa. Ele desapareceu junto com um amigo em março de 1974, e, desde então, sua família busca saber sobre o seu paradeiro.



Como Maria Carolina, suas duas filhas e sua neta também esperam pelo desfecho dessa história. Cecília Capistrano Bacha, neta de David, acredita na importância de continuar juntando as informações sobre o avô. Cecília diz que a família só passou a aceitar a morte dele a partir da Lei de Anistia, de 1979, quando, ao contrário do que se esperava, ele não voltou para casa.

“A NOSSA EXPECTATIVA EM RELAÇÃO A ESSAS BUSCAS DE DESAPARECIDOS, EVIDENTEMENTE TANTO TEMPO DEPOIS, É A DE CONSEGUIR CONTAR O MAIS PROXIMAMENTE POSSÍVEL DA REALIDADE ESSA HISTÓRIA. NOSSO INTERESSE FOI SEMPRE DIVULGAR (A QUESTÃO DO DESAPARECIMENTO). ESTAMOS FALANDO HÁ MAIS DE 40 ANOS.”

MARIA CRISTINA
CAPISTRANO, FILHA DE
DAVID CAPISTRANO, QUE
ESTÁ DESAPARECIDO.

FAMÍLIA COSTA

“ESTOU COM SAUDADE DO MEU IRMÃO. TOMARA QUE TERMINE LOGO. QUE ENCONTREM LOGO O MEU IRMÃO.”

RHIAN COSTA, 9 ANOS, IRMÃO DE FRANCISCO DOUGLAS BARROS, QUE ESTÁ DESAPARECIDO.

“QUANDO EU ACORDO, EU TENTO NÃO ACREDITAR QUE ELE NÃO ESTÁ AQUI. É MUITO DIFÍCIL. É DOLOROSO. O CORAÇÃO FICA SUFOCADO.”

GIRLIANY COSTA, MÃE DE FRANCISCO

No dia do aniversário de Girliany Costa, 21 de janeiro, e dois dias antes de completar 18 anos, Francisco Douglas Barros saiu de casa para tomar banho em um açude perto da casa do avô, em Itaitinga, no Ceará, e não voltou mais. Desde então, ela busca incansavelmente por notícias do filho. Recorreu às redes sociais, onde seus depoimentos chegaram a sensibilizar milhares de pessoas. Douglas tem dois irmãos e uma irmã. A família aguarda a sua volta. “É um quarto só dele, com a cama, o ventilador. Tá tudo lá, com a mesma colcha e o mesmo travesseiro. E eu não deixo ninguém entrar”, conta a mãe.



FAMÍLIA

CRUZ

Robson Roberto da Cruz, filho de Leonardo da Cruz e Izilda Maria Pesolato, desapareceu em junho de 2016, no dia do aniversário de sua mãe. Diagnosticado com esquizofrenia, saiu de casa apenas com a roupa do corpo e nunca mais foi visto. Em maio de 2018, a família recebeu um telefonema: logo após o seu desaparecimento, Robson foi socorrido pelo serviço de resgate de São Paulo, ficou hospitalizado por um mês e veio a falecer. Ele foi enterrado sem identificação ou notificação aos pais, que buscavam por ele desde o primeiro dia. Agora, a família enfrenta dificuldades para finalizar procedimentos jurídicos e administrativos, necessários para garantir uma nova sepultura e o merecido descanso ao seu filho. Notícias do filho, uma peregrinação constante entre delegacias, institutos médicos legais e advogados.



“QUANTOS ROBSONS EXISTEM, QUANTAS PESSOAS DESAPARECIDAS? EU VEJO AS PESSOAS QUE ESTÃO NA SÉ, AS PESSOAS QUE TÊM FAMILIARES DESAPARECIDOS. A GENTE SE ABATE, A GENTE SENTE, É MUITO CONSTRANGEDOR, TORTURANTE ISSO.”

LEONARDO DA CRUZ,
PAI DE ROBSON
ROBERTO DA CRUZ,
QUE ESTEVE
DESAPARECIDO E FOI
LOCALIZADO EM 2018.

FAMÍLIA

DAMASCENO

Lucineide Damasceno busca por uma explicação sobre o paradeiro de seu filho Felipe desde novembro de 2008, quando ele saiu de casa de moto para visitar um amigo e não voltou. Desde então, Lucineide passou a sofrer crises de pânico, especialmente em locais com muita gente. Ela enfrenta dificuldades para que o caso do desaparecimento de seu filho seja devidamente investigado. Como forma de recordá-lo, fez uma tatuagem nas costas, uma antiga vontade de Felipe.

“NÓS TEMOS 50% DE CHANCE DE ENCONTRAR ELES VIVOS E 50% DE ENCONTRAR ELES MORTOS. MAS NÃO IMPORTA, EM 100% ELES VÃO VIR PARA NÓS. NÓS TEMOS QUE ESTAR PREPARADOS E NÓS PRECISAMOS TER A CERTEZA DO QUE ACONTECEU COM OS NOSSOS DESAPARECIDOS. E MESMO SE ENCONTRAR, EU NÃO VOU PARAR DE AJUDAR OS OUTROS.”

LUCINEIDE DAMASCENO,
MÃE DE FELIPE
DAMASCENO, QUE
ESTÁ DESAPARECIDO.



FAMÍLIA

ESPERIDIÃO



“A CADA DIA QUE PASSA, A CADA ANO QUE PASSA, A DOR VAI AUMENTANDO. É COMO SE FOSSE UMA FERIDA QUE VAI AUMENTANDO. SE EU TIVESSE ENTERRADO A MINHA FILHA, EU JÁ TERIA ACOSTUMADO COM A IDEIA DE NÃO VER MAIS ELA. AGORA, O QUE TEM ME MATADO AOS POUQUINHOS É NÃO SABER O QUE ACONTECEU.”

IVANISE ESPERIDIÃO, MÃE DE FABIANA ESPERIDIÃO DA SILVA, QUE ESTÁ DESAPARECIDA.

A busca de Ivanise Esperidião por sua filha começou às vésperas do Natal de 1995. À época com 13 anos, Fabiana Esperidião da Silva tinha ido ao aniversário de uma amiga junto com uma colega da mesma idade. A casa da aniversariante ficava a menos de 300 metros da sua. Na volta, Fabiana se separou da amiga e, desde então, não foi mais vista. A dificuldade em encontrar apoio e informação levou Ivanise a fundar a Associação Brasileira de Busca e Defesa à Criança Desaparecida, em 1996, organização que ficou conhecida mais tarde como Mães da Sé.





FAMÍLIA

FRANÇA

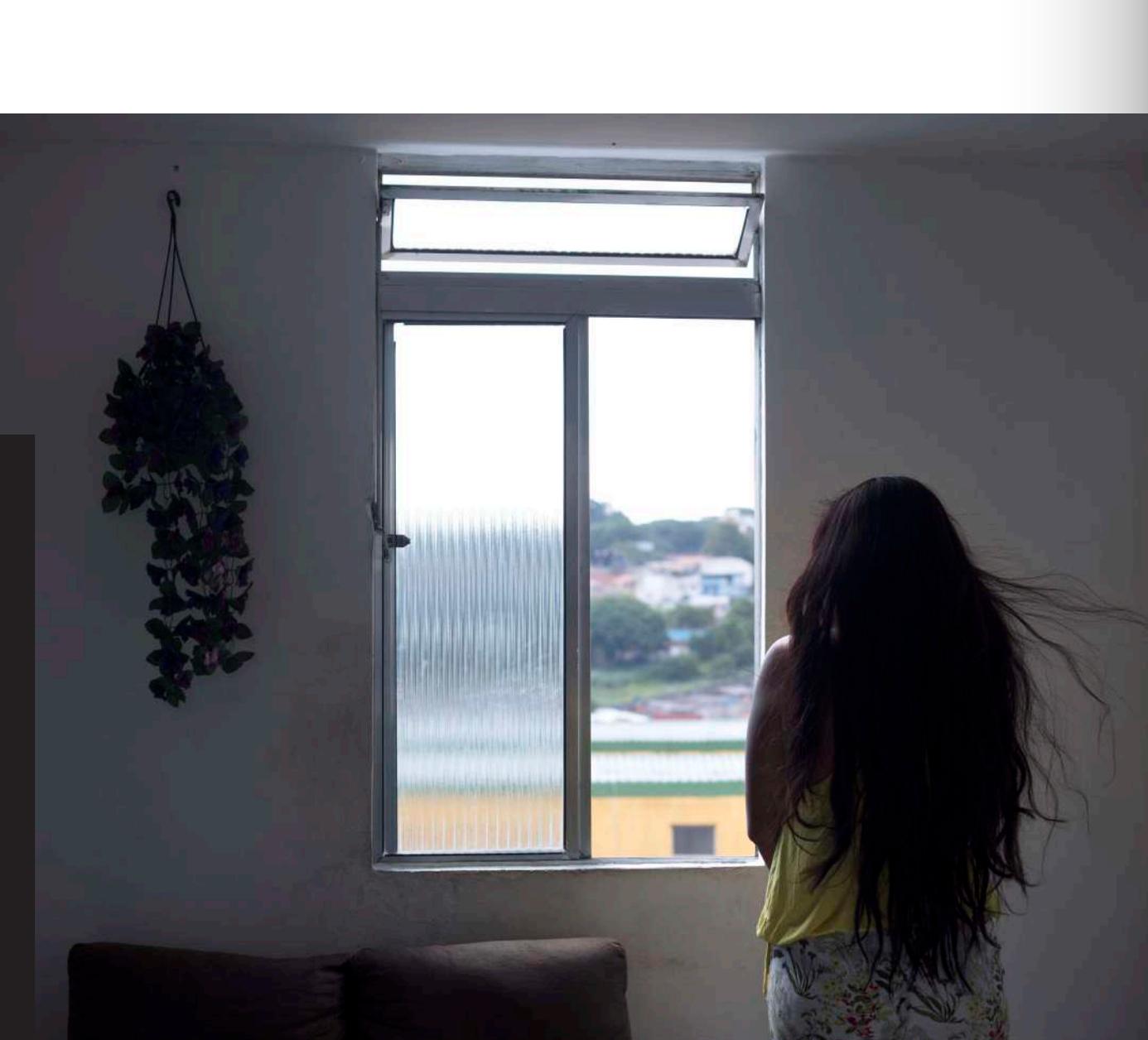
Lucila Maria França da Costa procura seu irmão Leonardo França da Costa desde outubro de 2013, quando ele saiu de Fortaleza para acompanhar um vizinho caminhoneiro e desapareceu em Divisa Alegre, Minas Gerais. Lucila iniciou a busca pelo irmão no município mineiro e nunca mais parou. Há cinco anos frequenta o Parque das Crianças para divulgar no quadro “Desaparecidos”, do jornal Ceará TV, o desaparecimento de Leonardo. A espera de dona Antonieta França da Costa, de 81 anos, por notícias do filho tampouco se esvai. Mas o impacto na família é grande. O pai, de quem Leonardo herdou o ofício de sapateiro, faleceu em 2018. Dona Antonieta guarda as ferramentas na espera do retorno do filho.



“MUITA GENTE DIZ QUE NÃO ACREDITA QUE ELE ESTÁ VIVO, NÃO. MAS AÍ EU DIGO: EU ACREDITO. UM DIA ELE VOLTA. E AÍ A GENTE VAI SABER DIREITINHO O QUE ACONTECEU.”

ANTONIETA FRANÇA DA COSTA, MÃE DE LEONARDO FRANÇA DA COSTA, QUE ESTÁ DESAPARECIDO.





FAMÍLIA
INÁCIO

Débora Inácio procura seu filho, Kaio, que desapareceu em 2013 após ir a uma festa na casa de amigos e dormir fora. Ela ainda conseguiu falar com Kaio por telefone uma última vez, quando ele disse que resolveria alguns problemas, e, desde então, não teve mais notícias. Debora visitou diversas delegacias, hospitais e necrotérios em busca do filho. Após um longo período de depressão, encontrou apoio e conseguiu enfrentar o trauma de retornar ao litoral, onde ocorreu o desaparecimento de Kaio.

“VI ESSE MAR E
QUIS CORRER,
TE ABRAÇAR E
DIZER QUE VOCÊ
FAZ FALTA. SÓ ME
RESTA A SAUDADE
E A ESPERANÇA DE
PODER DIZER MAIS
UMA VEZ: KAIO, EU
TE AMO.”

DÉBORA INÁCIO,
MÃE DE KAIO ALVES
INÁCIO, QUE ESTA
DESAPARECIDO.





FAMÍLIA MASSENA

João Massena Melo, ex-vereador e deputado pelo Rio de Janeiro, desapareceu em abril de 1974. Décadas depois, o assunto continua sendo um tabu para a família Massena, embora todos admitam a possibilidade de que ele esteja morto. O desaparecimento de João Massena fez com a família passasse a se sentir estigmatizada, gerando um sofrimento psicológico que atravessa várias gerações.



“ELES (SEUS FILHOS) CRESCERAM, TODOS SE MANDARAM E EU FIQUEI AQUI SOZINHA. VOU CHEGAR AOS 100 ANOS, E ESPERO QUE ATÉ LÁ TENHAM ALGUMA COISA DESSE SUMIÇO, ALGUMA VERDADE PRA GENTE. ACHO QUE QUANDO A GENTE MORA MUITO TEMPO EM UM LUGAR, CRIA RAÍZES. A GENTE SE APEGA À CASA, ÀS LEMBRANÇAS. ESSE PORTÃO FOI O JOÃO QUE FEZ. ELE FICAVA ALI NA FRENTE, MAS TROUXEMOS PARA O JARDIM.”

ECILA MASSENA,
ESPOSA DE JOÃO
MASSENA, QUE ESTÁ
DESAPARECIDO.



FAMÍLIA **MIRANDA**

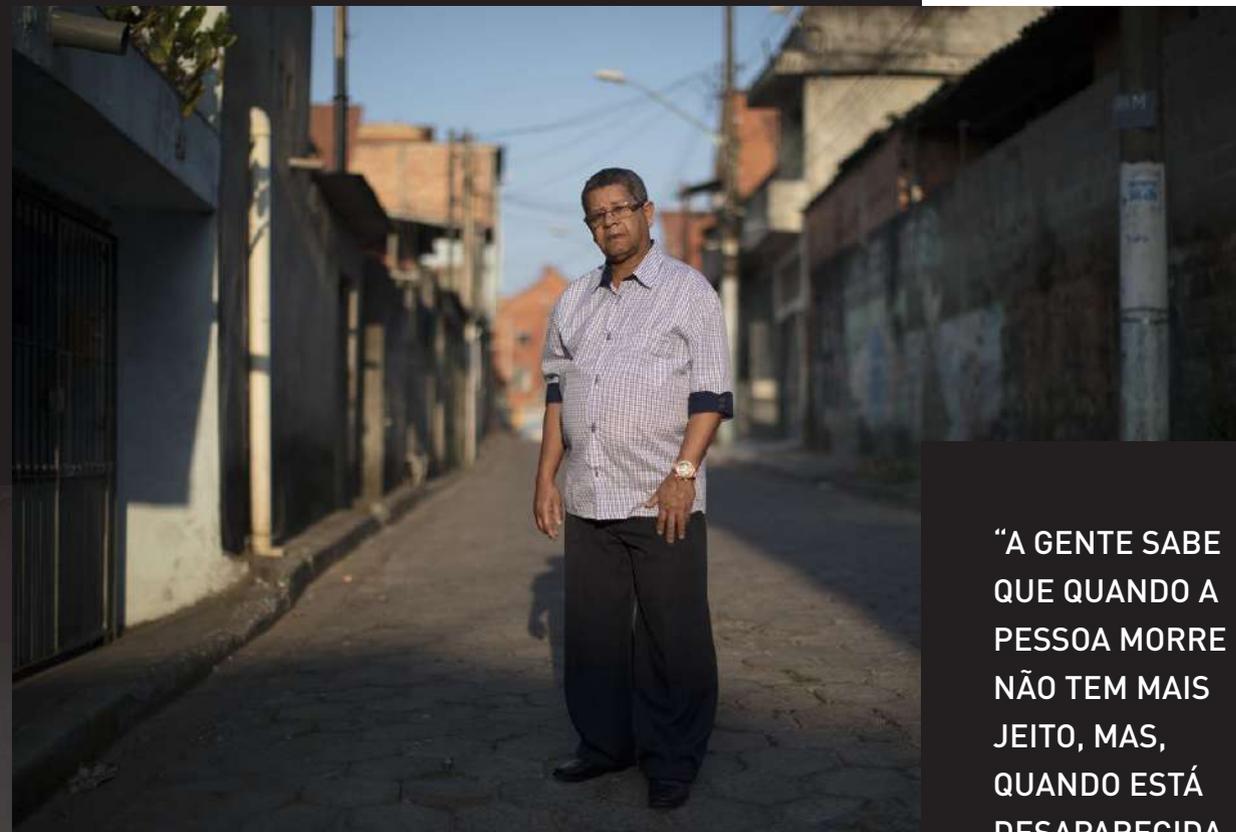
O jornalista e advogado Jayme Amorim Miranda desapareceu em 1975, deixando a esposa, Elza Miranda, sozinha com os filhos para criar. Foram muitos anos de dificuldades. Como ele não retornou após a Lei da Anistia, em 1979, a família passou a acreditar que estaria morto.

“EU TENHO O DIREITO DE SABER ONDE FORAM PARAR OS RESTOS MORTAIS DO MEU MARIDO, NÃO É? EU E OS MEUS FILHOS, TODA A FAMÍLIA, PROCURAMOS ENCONTRAR, RESGATAR ESSA HISTÓRIA, QUE É MUITO DIFÍCIL. PORQUE, AFINAL DE CONTAS, EU PASSEI A VIDA INTEIRA NESSA LUTA, SEMPRE ESPERANDO NOTÍCIAS, SEMPRE QUERENDO SABER. EU ACHO QUE É UM DIREITO DE TODOS.”

ELZA MIRANDA, ESPOSA DE JAYME AMORIM DE MIRANDA, QUE ESTÁ DESAPARECIDO.



FAMÍLIA NASCIMENTO



Natural do Ceará e filho do meio de uma família com 12 irmãos, Teodomiro Bernardo dos Santos morava, assim como boa parte da sua família, na periferia de São Paulo, para onde mudou-se ainda jovem em busca de oportunidades. Em novembro de 1995, enquanto seguia um tratamento psiquiátrico em um hospital da cidade, Teodomiro saiu pela porta da frente do estabelecimento e nunca mais foi visto pela família. Logo após seu desaparecimento, toda a família se mobilizou para procurá-lo. Com os anos, sua irmã, Zélia dos Santos Nascimento, e principalmente seu cunhado, Valmir Nascimento, assumiram a missão de manter as ações de busca – o que fazem ativamente.

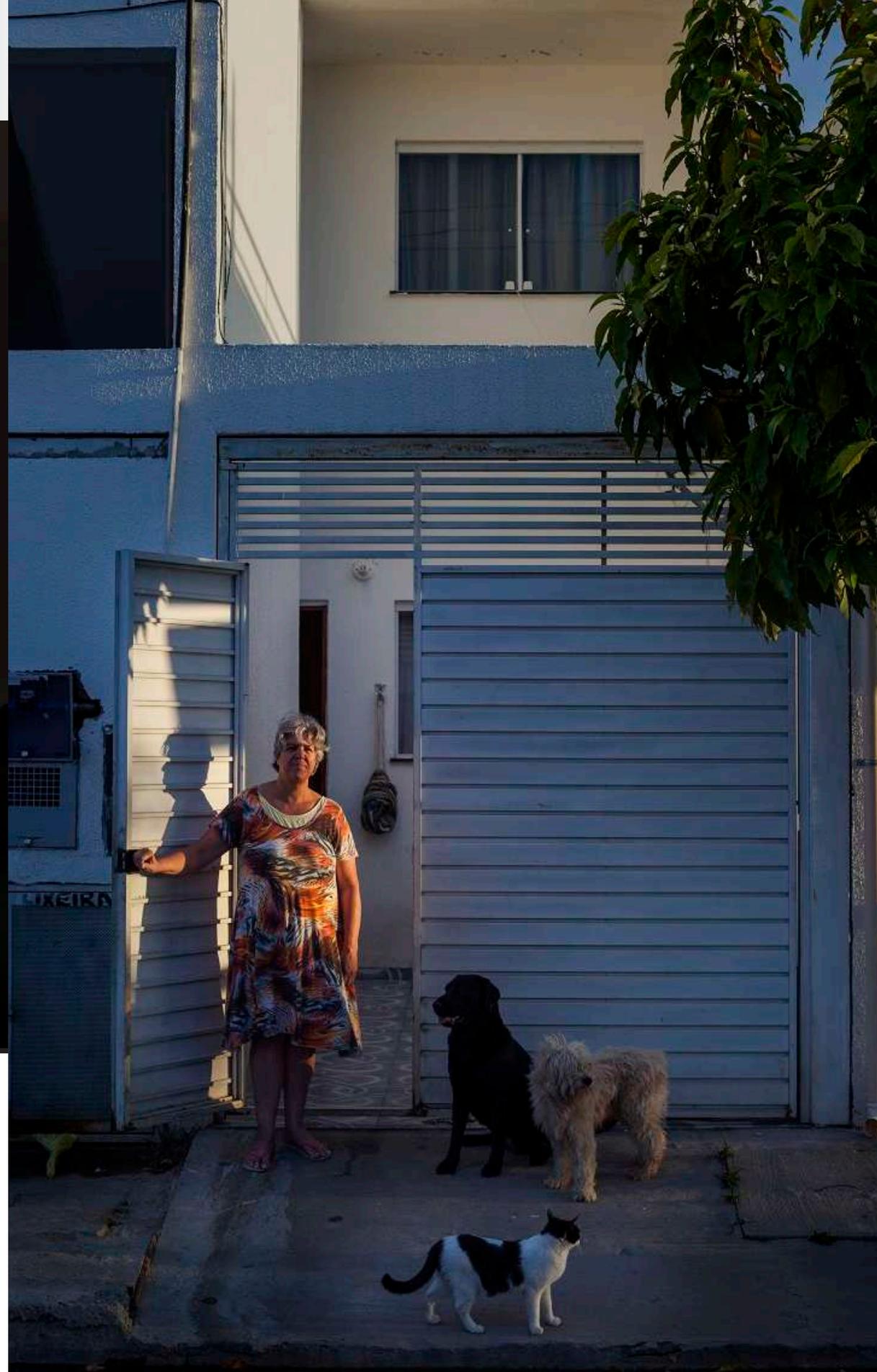
“A GENTE SABE QUE QUANDO A PESSOA MORRE NÃO TEM MAIS JEITO, MAS, QUANDO ESTÁ DESAPARECIDA, A GENTE NÃO SABE SE ELA ESTÁ COMENDO, SE ESTÁ BEBENDO, COMO É QUE ESTÁ DORMINDO... É UM DESESPERO.”

VALMIR NASCIMENTO,
CUNHADO DE
TEODOMIRO
BERNARDO DOS
SANTOS, QUE ESTÁ
DESAPARECIDO.

FAMÍLIA PADILHA

“UM DIA DE
MANHÃ ELE FOI
VER UMA PEÇA
DE CAMINHÃO
E NUNCA MAIS
VOLTOU. SERÁ
QUE EU VOU TER
UMA RESPOSTA?”

VILMA PADILHA,
FILHA DE JOSÉ
PADILHA, QUE ESTÁ
DESAPARECIDO.



Vilma Teresa Padilha vive com a família e os animais de estimação em São Paulo. Ela tinha 13 anos em 1972, quando o pai, o caminhoneiro José Padilha Aguilhar, desapareceu. Desde então, busca por ele com recursos próprios. Sempre que recebia pistas de que o pai poderia estar em algum lugar, ela viajava Brasil afora atrás dele. Depois de tantos anos, nunca desistiu da busca. A principal preocupação dela e de sua família é receber uma resposta definitiva sobre o destino e o paradeiro de seu pai.

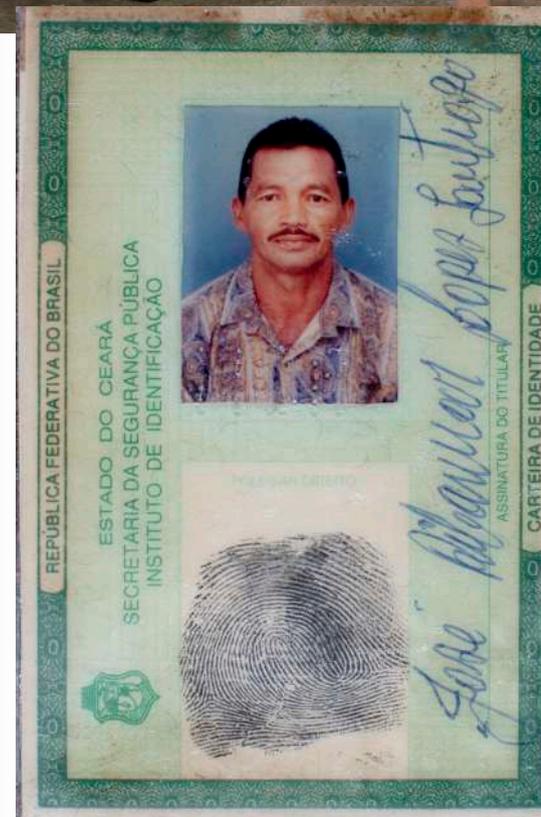


FAMÍLIA

SANTIAGO

Desde 2004, Maria Rodrigues Santiago, conhecida como Cleide, procura seu irmão. José Ribamar Lopes Santiago desapareceu com 45 anos, em um domingo que saiu da casa onde morava sozinho, em Fortaleza.

“Ele saiu de manhã cedinho e ninguém mais viu. Ele era querido, brincava muito. Todo mundo ficou muito preocupado e saiu procurando”, conta Cleide, a mais velha dos 16 irmãos e que está à frente da busca. Os dias nos últimos 15 anos foram preenchidos pela incansável procura por José Ribamar. Cleide buscou informações em hospitais e delegacias, mas foi no jornal Ceará TV, no quadro “Desaparecidos”, onde encontrou conforto. Para ela, participar das gravações do programa é um alento por várias razões, mas, principalmente, porque alimenta a esperança de encontrar o irmão e porque permite conhecer outras pessoas. A irmã de José Ribamar conta que é mais enfrentar a dor com o apoio de outras pessoas.



“É RUIM PORQUE NINGUÉM SABE SE ELE ESTÁ VIVO OU MORTO. AÍ FICA RUIM, FICA TRISTE. NÃO TEVE ENTERRO E NEM NADA PARA SABER SE ELE ESTÁ MORTO.”

MARIA RODRIGUES SANTIAGO (CLEIDE), IRMÃ DE JOSÉ RIBAMAR LOPES SANTIAGO, QUE ESTÁ DESAPARECIDO.



“A ESPERANÇA
É A ÚLTIMA
QUE MORRE E
EU PRETENDO
ENCONTRAR ELE
A QUALQUER
MOMENTO.”

ALBERTO CORREIA
DOS SANTOS, PAI DE
RODRIGO CORREIA
SANTOS, QUE ESTÁ
DESAPARECIDO.



FAMÍLIA **SANTOS**

Rodrigo Correia Santos está desaparecido há mais de sete anos, desde uma sexta-feira de 2012 em que saiu para trabalhar e não voltou mais. Rodrigo tinha 22 anos, era taxista e morava com seus pais, Alberto Correia e Zuleide Santos, além de três irmãos. Desde esse dia, a família faz uma busca incessante em bairros de São Paulo.

A mãe de Rodrigo encontrou resiliência na preocupação também pelos outros filhos: “Quando ia chorar eu subia na última laje, para não demonstrar o sofrimento na frente deles”. “Hoje nós estamos com mais força, porque eu falei: nós temos mais três filhos, e se a gente se entregar a gente nem vai procurar ele e nem vai cuidar dos outros filhos”, conta Zuleide.



FAMÍLIA

SILVA MESUT

“EU NÃO SABIA
QUEM ERA
MEU PAI. NEM
TINHA IDEIA.”

GRENALDO
ERDMUNDO DA
SILVA MESUT,
FILHO DE
GRENALDO DE
JESUS SILVA,
QUE ESTÁ
DESAPARECIDO.

Grenaldo Erdmundo Mesut não conhecia a história do pai, que desapareceu em maio de 1975, quando ele tinha 4 anos. Durante mais de 30 anos, nunca teve nenhuma informação sobre ele, o marinheiro Grenaldo de Jesus Silva. Grenaldo Erdmundo só começou a descobrir mais sobre o assunto quando, anos depois, por acaso, uma parente de sua esposa viu uma reportagem sobre seu pai.

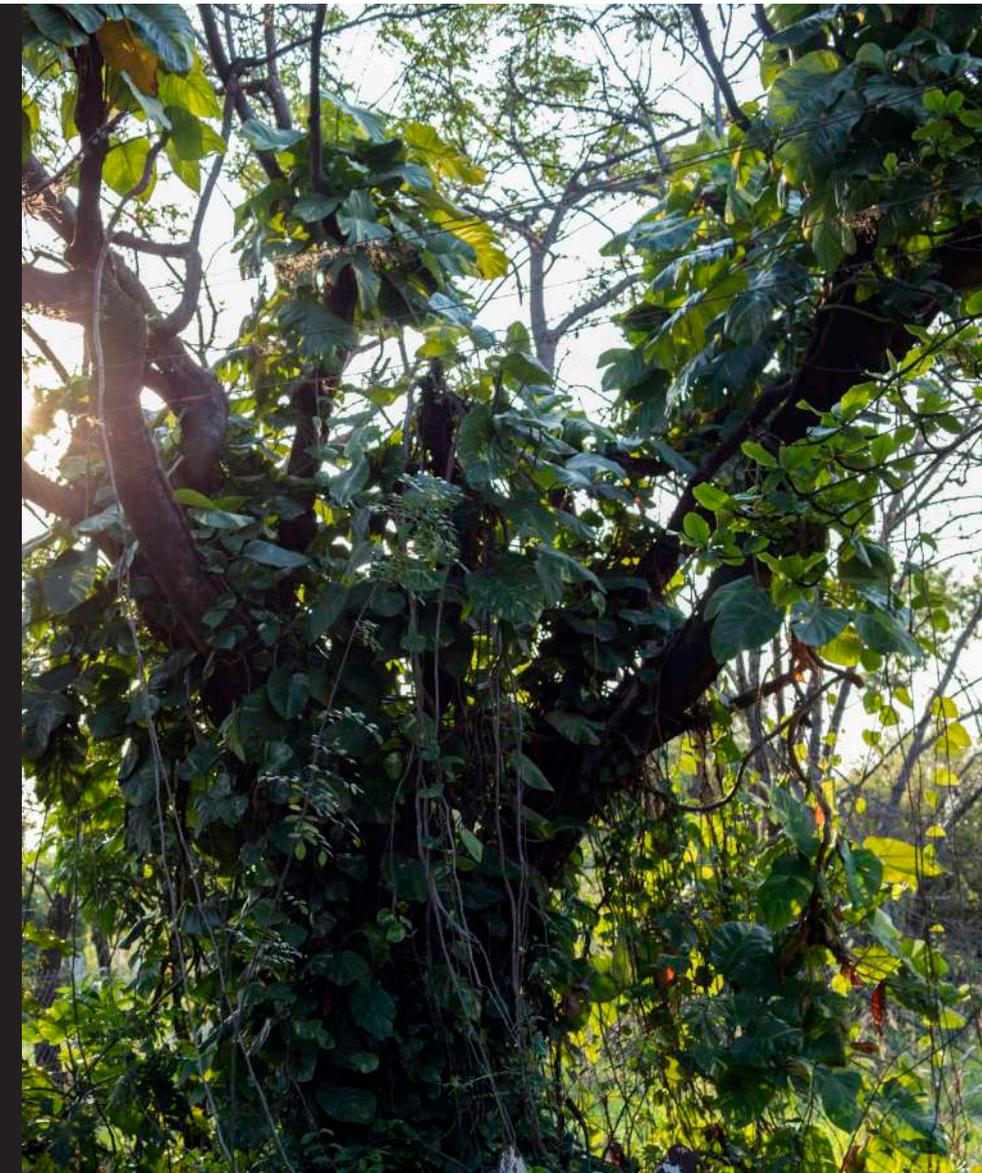
Por volta de 2000, Grenaldo começou a pesquisar e a descobrir a verdade sobre o pai, e até hoje se emociona ao falar dele.





“ELES NÃO
CONTAVAM NADA
PRA GENTE.
NÃO PODIA NEM
FALAR O NOME
DELE PORQUE
TINHAM MEDO.
EU ATÉ CHAMEI
OS OUTROS
FAMILIARES,
MAS ELES
NÃO QUEREM
(PARTICIPAR).
FICAM TODOS
CHATEADOS.”

CÉLIA TORIGOI,
SOBRINHA DE
HIROAKI TORIGOE,
QUE ESTÁ
DESAPARECIDO.



FAMÍLIA TORIGOI

O estudante Hiroaki Torigoe desapareceu em 1972. Os pais, agricultores de Piracicaba, em São Paulo, buscaram o filho junto às autoridades e obtiveram a informação de que ele estaria morto. Mas nunca receberam seus restos mortais. Os pais e avós não contaram às crianças da família, como Naomi, com 5 anos na época, e Celia, um pouco menor, sobre o que realmente aconteceu com o tio. O assunto foi tabu durante anos. Só na adolescência elas souberam a verdade, de que o tio estava desaparecido.



A man with a mustache, wearing a light-colored tank top, is sitting on a dark leather sofa in a dimly lit room. He is looking directly at the camera. In the background, there is a framed picture on the wall and a window with curtains.

FAMÍLIA

VASCONCELOS

Joel Vasconcelos Santos desapareceu em 1971. Desde então, sua mãe, Elza, começou a busca pelo filho, uma jornada que a acompanhou até o fim da vida. Regularmente, ela ia a locais onde Joel poderia estar. Sua filha, Altair, que hoje segue na busca, testemunhava a mãe escrever cartas e ir à praça todos os dias para clamar por informações sobre Joel. Mas, mesmo com toda essa mobilização, sua família nunca recebeu nenhuma informação oficial sobre seu paradeiro.

A woman with short curly hair and glasses, wearing a yellow sleeveless top, is sitting at a dark wooden table. She is holding a small black and white photograph of a young boy. The background shows a well-lit room with a chandelier and a window.

“EU ACHO QUE A MELHOR RECORDAÇÃO DO MEU IRMÃO É FALAR DA MINHA MÃE. ELA ESCREVEU PARA TODOS OS ÓRGÃOS, TODOS. ELA ESCREVEU PARA O PAPA! A MINHA MÃE ERA UMA PESSOA QUE TINHA A QUARTA SÉRIE PRIMÁRIA. ELA IA PARA A CINELÂNDIA COM UM CARTAZ DIZENDO: HOJE FAZ TRÊS DIAS, HOJE FAZ QUATRO DIAS, HOJE FAZ 31 DIAS E AÍ POR DIANTE.”

ALTAIR VASCONCELOS, IRMÃ DE JOEL VASCONCELOS, QUE ESTÁ DESAPARECIDO.

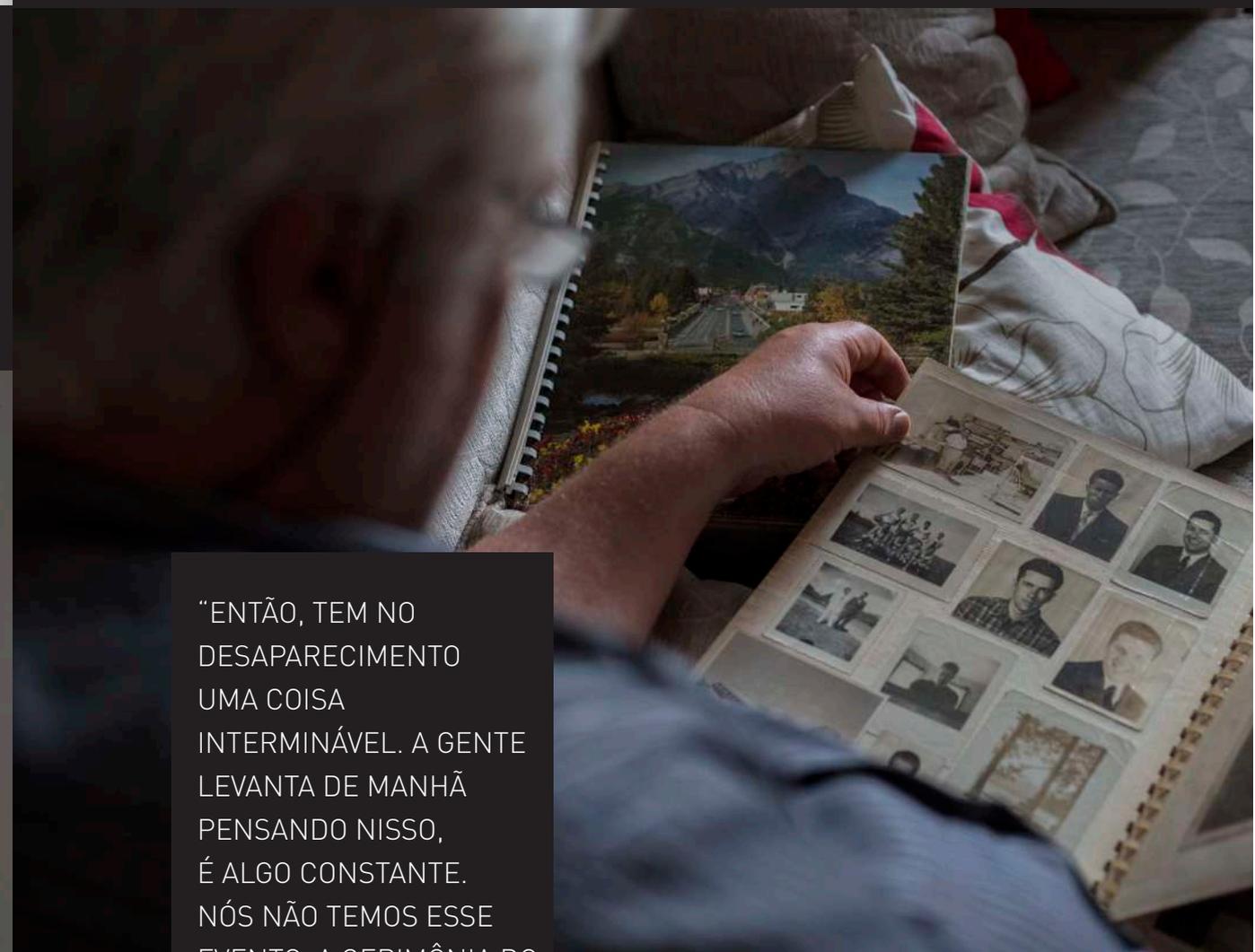
FAMÍLIA WRIGHT



“ENTÃO, TEM NO DESAPARECIMENTO UMA COISA INTERMINÁVEL. A GENTE LEVANTA DE MANHÃ PENSANDO NISSO, É ALGO CONSTANTE. NÓS NÃO TEMOS ESSE EVENTO, A CERIMÔNIA DO ENTERRO. ENTÃO TEMOS ESSA PESSOA QUE VAGA PERTO DA GENTE, E A GENTE PRECISARIA REALMENTE, PELO MENOS PARA MIM E PARA AS PESSOAS PRÓXIMAS, QUE UMA CERIMÔNIA ACONTECESSE.”

JOÃO PAULO WRIGHT, FILHO DE PAULO STUART WRIGHT, QUE ESTÁ DESAPARECIDO.

Filho de missionários norte-americanos, Paulo Stuart Wright foi deputado estadual de Santa Catarina. Atuante em movimento de esquerda, desapareceu em 1973. Desde então, sua família busca saber seu paradeiro.



localizadas e protegidas. Se faleceram, os seus restos mortais devem ser buscados, tratados de maneira adequada, identificados na medida do possível e entregues aos entes queridos, respeitando suas crenças e sua cultura.

A realização destas tarefas demanda das autoridades vontade política para estruturar mecanismos capazes de documentar e lidar devidamente com casos e com múltiplas circunstâncias de desaparecimento, assim como para apoiar as famílias das pessoas desaparecidas durante os dolorosos processos de busca, que em muitos casos se prolongam por anos ou décadas.

VIDAS NO LIMBO

Ninguém duvida do sofrimento dos familiares, que passam a viver em um limbo sem saber se os seus entes queridos estão vivos. As famílias alternam sua vida cotidiana entre a esperança e o desespero, enfrentando a perda ambígua de seu ente

querido, num verdadeiro luto sem corpo. Inconformadas, transformam seu sofrimento em atividades incansáveis de busca. Dedicam toda sua energia e seus recursos na procura por respostas... diariamente, visitam abrigos e hospitais ao mesmo tempo em que consultam necrotérios. Muitos esperam por respostas em vão, com frequência solitários, sem conseguir retomar as suas vidas.

Impulsionados por uma urgência que não passa, os familiares correm muitos riscos, frequentando lugares perigosos ou expondo seus telefones e sua intimidade, na esperança de receber notícias da pessoa desaparecida. Consideram cada boato, rumor ou conjectura sobre o paradeiro dela e, muitas vezes, são enganados ou explorados por pessoas mal-intencionadas.

A angústia que decorre de tudo isso se manifesta em cada um, às vezes pela insônia, pelo nervosismo ou por problemas de memória, que frequentemente acabam acompanhados por problemas de saúde crônicos e/ou graves.

CONSEQUÊNCIAS PARA OS FAMILIARES

Em paralelo a isso, outras consequências práticas do desaparecimento fragilizam os familiares. A despeito do conceito amplo estabelecido pela Lei Federal brasileira n.º 13.812/2019¹, as pessoas desaparecidas ainda não contam com um status jurídico próprio no ordenamento jurídico, acrescentando dificuldades à vida diária dos familiares em consequência do desaparecimento. Todas as famílias acabam tendo necessidades decorrentes deste fato, seja quanto ao acesso a bens e direitos ou quanto a medidas relacionadas às relações familiares – como o estado civil ou a guarda de crianças e adolescentes.

Se a pessoa desaparecida deixou filhos menores, quantos são os obstáculos que serão enfrentados pela ausência do pai e da mãe desaparecidos? Como suprir essa ausência nas diversas situações em que a autorização escrita dos pais é necessária para atos formais ou cotidianos? E se era o arrimo da família, como essa família faz agora para gerar uma renda? O que dizer sobre o fato de que os familiares investem todos os seus recursos e energia para dar continuidade às buscas, que se tornam até mais importantes que seu trabalho e sua saúde.

1. Esta Lei institui a Política Nacional de Busca de Pessoas Desaparecidas e cria o Cadastro Nacional de Pessoas Desaparecidas.

São muitos os países afetados pela tragédia de pessoas que desapareceram. A seguir, alguns exemplos:

- No Peru, **20.507 pessoas ainda estão desaparecidas** como resultado do conflito armado interno entre 1980 e 2000;
- Nos Bálcãs Ocidentais (Albânia e ex-Iugoslávia), mais de **14 mil pessoas** continuam desaparecidas desde os anos 90;
- Durante o conflito no Líbano, **17 mil pessoas desapareceram** de 1975 a 1990, segundo dados oficiais;

O PROBLEMA NO MUNDO

- Na Colômbia, estima-se que pelo menos **82.998 pessoas desapareceram** como resultado do conflito armado ou por outras circunstâncias;
- No México, mais de **28 mil pessoas foram reportadas como desaparecidas** até o final de 2015;
- No Sri Lanka, **o CICV registrou 16 mil pessoas desaparecidas** em decorrência do conflito armado;
- Na Guatemala, **45 mil pessoas desapareceram** como resultado do conflito armado interno, das quais 40 mil estão desaparecidas.

É fundamental que os governos e outras organizações deem respostas, formulem marcos jurídicos adequados e elaborem sistemas e procedimentos necessários para aliviar o sofrimento e facilitar a busca das pessoas desaparecidas.

O CICV FAZ O POSSÍVEL PARA AJUDAR.

SOBRE A FOTÓGRAFA MARIZILDA CRUPPE

De técnica em mecânica e estudante de Engenharia, passando por candidata a piloto de avião, Marizilda Cruppe encontrou sua vocação no fotojornalismo. Trabalhou em veículos de imprensa, tornou-se uma profissional independente, fundou um coletivo com outras mulheres fotógrafas – o EVE Photographers, que durante cinco anos teve seu trabalho exibido e publicado em dez países –, foi instrutora de fotografia e participou de diversas premiações fotográficas internacionais. Entre elas, o maior e mais prestigiado concurso de fotojornalismo mundial, o World Press Photo, no qual foi jurada por duas vezes. Já fotografou para Greenpeace, Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), Médicos Sem Fronteiras, Oxfam e Banco Mundial, e colaborou com The New York Times, The Guardian, National Geographic France, The Global Post, Svenska Dagbladet, Expressen, Trip, TPM e GQ.

SOBRE ROGÉRIO COSTA

Rogério Costa é diretor de arte, designer, artista visual e o responsável pela criação artística do video mapping da exposição 'A falta que você faz'. Artista com atuação em cinema, televisão, teatro, shows e eventos há quase quatro décadas, entre seus principais projetos de videografismo e video mapping destacam-se a criação do projeto em motion graphics para a projeção em video mapping do cubo ecossistemas no Museu do Amanhã e a criação do videografismo da Sala dos Rádios no Museu do Futebol.

EXPEDIENTE
Exposição 'A falta que você faz'

FOTOGRAFIAS
Marizilda Cruppe

DIREÇÃO ARTÍSTICA DO VIDEO MAPPING
Rogério Costa

VÍDEOS COM FAMILIARES
Realejo Filmes

COORDENAÇÃO GERAL
Sandra Lefcovich

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Gabriela Borelli

PRODUÇÃO GERAL
Cristiano Tomé
Eld Gonçalves
Jerzy Rafael Zakrzewski
Johnson Rodrigues Ferreira

**PRODUÇÃO DO PROJETO
FOTOGRAFICO E ENTREVISTAS**
Bruno Radicchi
Gabriela Borelli
Juliana Nogueira
Sandra Lefcovich

EQUIPE DE COMUNICAÇÃO
Diogo Alcântara (Imprensa)
Gabriela Guedes (Produção
gráfica e audiovisual)
Gabriel Coaracy (Digital)
Matehus Costa Nunes
(Estagiário)
Nathalia Josino

PROJEÇÃO
ON Projeções

PRODUÇÃO GRÁFICA E VISUAL
Soter Design
Ana Soter
Rafaela Sarinho

IMPRESSÃO
XXXXXXXXXXXX

DELEGAÇÃO REGIONAL DO CICV PARA ARGENTINA, BRASIL, CHILE, PARAGUAI E URUGUAI

CHEFE DE DELEGAÇÃO
Simone Casabianca-
Aeschlimann

**RESPONSÁVEL PELO PROGRAMA DE
PESSOAS DESAPARECIDAS**
Larissa Leite

PROGRAMA DE PESSOAS PESAPARECIDAS
Marianne Pecassou
Fábio Azeredo
Patrícia Badke
Andrés Patiño
Luana Fagundes
Bismarck Moura
Jussara De Rezende Assaff

**Agradecemos aos colegas da
Delegação Regional do CICV
para Argentina, Brasil, Chile,
Paraguai e Uruguai**

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

GOVERNADOR
Camilo Sobreira de Santana

VICE-GOVERNADORA
Izolda Cela

SECRETÁRIO DA CULTURA
Fabiano dos Santos Piúba

INSTITUTO DRAGÃO DO MAR
PRESIDÊNCIA
Paulo Linhares

DIRETORIA DE PLANEJAMENTO E GESTÃO
Roberto Freire

DIRETORIA DE FORMAÇÃO
Bete Jaguaribe

**DIRETORIA DE ARTICULAÇÃO
INSTITUCIONAL**
Rachel Gadelha

OUVIDORIA
Nathália Sobral

JORNALISTAS
Graziela Costa
Isabel Andrade

MÍDIAS SOCIAIS
Luana Andrade

DESIGNER
Pedro Savir

FOTÓGRAFO
Luiz Alves

**CENTRO DRAGÃO DO MAR
DE ARTE E CULTURA**

SUPERINTENDÊNCIA
Natasha Faria

SECRETÁRIA
Daniela Nunes

NÚCLEO EXECUTIVO DE MUSEUS
Valéria Laena

NÚCLEO EXECUTIVO DE AÇÃO CULTURAL
Márcio Caetano

**NÚCLEO EXECUTIVO ADMINISTRATIVO-
FINANCEIRO**
Nathália Sobral

**MUSEU DA CULTURA
CEARENSE**

GERENTE
Márcia Moreno

AUXILIAR ADMINISTRATIVO
Regiane Gomes

REALIZAÇÃO
Comitê Internacional da Cruz Vermelha e Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura



CICV

DE APARECIDOS
Acabar com o silêncio



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura



A FALTA QUE VOCÊ FAZ

Antonieta França da Costa, mãe de Leonardo França da Costa, que está desaparecido desde 2013.

“MEU FILHO VIAJOU E NÃO APARECEU MAIS. NINGUÉM SABE DELE. EU QUERIA SÓ UMA NOTÍCIA, SÓ UMA COISINHA.”